

O USO DE DICIONÁRIOS POR  
ADOLESCENTES EM UM COLÉGIO PARTICULAR

ANA TERESA PEREZ COSTA\*  
atp.costa@gmail.com

\* Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília

## O USO DE DICIONÁRIOS POR ADOLESCENTES EM UM COLÉGIO PARTICULAR<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo descreve pesquisa realizada com adolescentes em colégio brasileiro que incentiva o uso de dicionários. Foram aplicados dois questionários: um com o objetivo de obter informações sobre o uso do dicionário de língua materna (42 informantes) e outro sobre o uso de dicionários de língua estrangeira (47 informantes). Apesar das limitações deste tipo de pesquisa, os resultados apresentados permitiram uma comparação entre o uso desses dicionários por finalidade, frequência, local de consulta e dificuldades servindo como um interessante ponto de partida para futuras pesquisas.

### Palavras-chave

Uso de dicionários; dicionários em língua materna (português); dicionários em língua estrangeira; adolescentes; escola particular

### Abstract

This paper describes a study carried out on teenagers in a Brazilian private school that encourages the use of dictionaries. Two questionnaires were administered: one to obtain information on the use of Portuguese dictionaries (42 participants) and the other on the use of foreign language dictionaries (47 participants). Despite the limitations of this kind of research, the data collected enabled a comparison of these two types of dictionaries regarding their use: purpose, frequency, location of use, and difficulties, thus, serving as a basis for future research.

### Keywords

Dictionary usage; mother tongue (Portuguese) dictionaries; foreign language dictionaries; teenagers; private school

## 1. Introdução

Quando se investiga o assunto “uso de dicionários”, deve-se especificar a situação de pesquisa, como já afirmaram vários autores (por exemplo, HULSTIJN e ATKINS, 1998; WELKER, 2006a, 2006b, 2006c). Welker (2006b, p. 225) salienta a necessidade de se levarem em conta diversos fatores:

- tipo de usuário (e suas respectivas habilidades linguísticas): criança, adulto, aprendiz iniciante/intermediário/avançado, tradutor;
- tipo de dicionário: monolíngüe, bilíngüe, semilíngüe, simples (pouco informativo), mais informativo, especializado, eletrônico;
- língua: língua materna (doravante LM), língua estrangeira (doravante LE), proximidade entre LM e LE;
- habilidade de uso do dicionário: o usuário recebeu alguma instrução ou não?
- tipo de situação de uso: compreensão de leitura (em LM ou LE), redação (em LM ou LE), tradução, versão, aprendizagem do vocabulário.

Desses fatores, um (“adolescentes”) já foi mencionado no título deste artigo; uma outra informação dada no título (“um colégio particular”) não consta na lista apresentada acima, mas ela nos parece importante por duas razões: primeiro, porque no Brasil existem grandes diferenças entre colégios particulares e públicos; segundo, porque o artigo indefinido “um” deixa claro que não se pretende fazer afirmações sobre o uso de dicionários em geral, nem com relação ao uso por adolescentes, ou por adolescentes em colégios públicos, e sim relatar tão-somente uma pesquisa feita em determinada escola. Como enfatiza Welker (2006a, p. 13), não se deve fazer generalizações indevidas. É preciso que se realizem muitas pesquisas antes de se poder esboçar um quadro geral do uso de dicionários.

Vários teóricos do ensino de línguas estrangeiras e, com eles, muitos professores desaconselham a utilização dessas obras de consulta, sobretudo durante a leitura. Summers (1988, p. 112) fala da “visão predominante de que palavras desconhecidas deveriam ser decodificadas apenas mediante pistas contextuais”. Knight (1994: 285, apud WELKER, 2006a, p. 227s.) afirma:

Embora muitos estudantes digam que usam dicionários [...], muitos educadores e pesquisadores desencorajam essa prática, recomendando aos estudantes adivinharem o significado da palavra e consultarem o dicionário apenas como último recurso.

Por outro lado, há aqueles que defendem o uso de dicionários; em geral, são autores que se dedicam especialmente ao assunto. Sua atitude pode ser resumida citando-se Machado (2003, p. 33):

A não adoção do dicionário na sala de aula em cursos de línguas revela o desconhecimento das possibilidades de fazer-se dele uma ferramenta importante no desenvolvimento do aprendiz dentro e fora da sala de aula.

Welker (2006b), mostrando o “estado da arte” no Brasil, cita cerca de vinte trabalhos sobre o uso de dicionários, sendo que menos da metade são relatos de

<sup>1</sup> Esta é uma versão atualizada do trabalho final apresentado em 2004 em disciplina do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília. Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Herbert A. Welker pelas sugestões que muito contribuíram para a elaboração deste artigo.

pesquisas empíricas.<sup>2</sup> Welker (2006c, p. 176s.) assinala, também, a importância de se distinguirem três tipos básicos de tais estudos: a) investigações – em geral, por questionário ou por entrevistas – sobre a relação dos informantes com os dicionários; b) pesquisas sobre o uso efetivo dessas obras de consulta (nesse caso, utilizam-se muitas vezes protocolos verbais); c) estudos acerca da influência do uso de dicionários sobre o desempenho dos alunos (ou outros usuários).

A pesquisa relatada neste artigo pertence à categoria (a). Esse tipo de estudo tem sido ao mesmo tempo o mais comum e o mais criticado. Welker (2006a, p. 22) faz as seguintes observações:

Humbé (1997 [2001: 44]) afirma que os questionários foram “a primeira indicação de que a relação entre os dicionaristas e seu público estava mudando”. Com isso, ele quer dizer que, antes, os lexicógrafos não se preocupavam com os usuários. De fato, a primeira dessas pesquisas (Barnhart 1962) foi publicada quando, segundo Zógen (1991: 2896), houve uma “virada na história da lexicografia”. [...]

Como até então não se sabia quase nada sobre a real utilização de dicionários, os questionários, sem dúvida, constituíram um avanço.

Por outro lado, esse método de coleta de dados – em que os sujeitos respondem às perguntas de um questionário – tem sido criticado por diversos autores (por exemplo, NESI, 2000, p. 11s.), e quase sempre é citada a seguinte observação de Hatherall (1984, p. 184, *apud* WELKER, 2006a, p. 23):

Os informantes estão dizendo o que fazem, ou o que acham que fazem, ou o que acham que deveriam fazer, ou uma mistura desses três fatos? Todos eles definem as categorias da mesma forma, e da mesma maneira que o pesquisador?

Tal observação aplica-se também à pesquisa aqui relatada. Porém, as dúvidas expressas por Hatherall não invalidam nem essa nem qualquer outra pesquisa – apenas deve-se ter sempre em mente que não se pode confiar cegamente nas respostas dos informantes. Certamente, as pesquisas com questionários constituem uma fonte de informação inicial, ponto de partida para investigações do tipo (b) e (c) mencionadas acima. Além disso, a nossa pesquisa parece-nos importante pelo fato de haver poucos de tais estudos no Brasil (cf. WELKER, 2006a, 2006b). Desses poucos, nenhum aborda ao mesmo tempo a utilização de

dicionários de LE e de LM, e apenas Amorim (2003) trata do uso de dicionários de LM, mais exatamente no Ensino Fundamental, porém seus informantes não foram as crianças, e sim os professores.<sup>3</sup>

## 2. A pesquisa

### 2.1. Informantes

A pesquisa foi realizada com 89 alunos da 7ª série – portanto, adolescentes entre 13 e 14 anos – de uma escola particular de Brasília, que atende a classe média e alta do Distrito Federal.

A direção dessa escola acredita no uso do dicionário como ferramenta essencial para a aquisição de vocabulário, tanto em LM como em LE. Fazem parte da lista de material obrigatório dos alunos da 7ª série três dicionários: *Minidicionário Silveira Bueno*, Ed. FTD (ou similar); *Dicionário Inglês-Português/Português-Inglês* de Silveira Bueno, Ed. FTD (ou similar) e *Microdicionário de Matemática* de Luiz Márcio Imenes, Ed. Scipione.<sup>4</sup> Os alunos assistem semanalmente a 3 horas e 45 minutos de aula de português (5 aulas/semana) e a 1 hora e 30 minutos de aula de inglês (2 aulas/semana).

Dentro de sala de aula, o uso de dicionários é permitido a todo momento, em qualquer disciplina, exceto durante as provas de língua inglesa e em algumas provas de português. Os alunos são estimulados a terem sempre consigo seus dicionários. Nas aulas de português, havia ainda – no período em que foi realizada a pesquisa – uma aula por semana em que exercícios de vocabulário eram dados em sala de aula para que o aluno procurasse no dicionário algumas palavras. Esses exercícios eram corrigidos na aula seguinte e os alunos deveriam terminar a tarefa em casa, caso não a tivessem concluído em sala de aula. Já nas aulas de inglês, não havia exercícios específicos de aquisição de vocabulário, mas os alunos eram incentivados a usarem o dicionário para a compreensão plena dos textos.

### 2.2. Método

Os 89 informantes foram divididos em dois grupos: um com 42 participantes, que respondeu a um questionário sobre a utilização do dicionário em LM, e

<sup>3</sup> Welker (2006a, p. 59) ainda menciona Brito (1992) dizendo: “A autora fez um estudo sobre estratégias de leitura em LM de alunos brasileiros do final do ensino de primeiro grau. Faz parte dessa pesquisa uma pequena enquete sobre o uso de dicionários. Infelizmente, ela não revela o número de sujeitos nem os dados quantitativos dos resultados...”

<sup>4</sup> Esta é uma reprodução fiel das informações constantes na lista de material da escola. A expressão “(ou similar)” após os dicionários do *Silveira Bueno* indicam que o aluno precisava ter um microdicionário em LM e um em português/inglês, mas que não era necessário que fosse o indicado pela escola. Imagina-se que a falta de ano de edição indique que a publicação não é anterior a 2004.

<sup>2</sup> Em Welker (2006a), cuja publicação é posterior à de Welker (2006b), foram resumidos mais alguns relatos de pesquisas, entre as quais devem ser destacadas – devido ao número relativamente grande de informantes e de dados – as de Teixeira (2005), Gomes (2006) e Höfling (2006).

outro, com 47, que respondeu sobre o uso do dicionário em LE. Tal divisão foi feita por questões práticas: pretendíamos não estender demais o questionário para não cansar os informantes, pois o cansaço poderia levá-los a responder sem pensar ou não se importar com a veracidade das respostas.

Os dois questionários possuíam basicamente as mesmas 14 perguntas, sendo que para o dicionário de LE foram acrescentadas quatro perguntas com o objetivo de apurar se os alunos estudavam alguma LE fora da escola. A maioria das perguntas era do tipo "fechado", às vezes com dependentes. Para algumas foi permitida mais de uma resposta, e havia algumas perguntas abertas.

### 2.3. Resultados

Ao mostrarmos os resultados das perguntas constantes dos dois questionários, nos limitaremos a indicar as porcentagens das respostas, fazendo poucas observações. As porcentagens foram arredondadas para números inteiros, de modo que o total nem sempre é 100. Obviamente, o total supera 100 quando as perguntas permitiam mais de uma resposta.

No item (c) juntamos os principais dados relativos às quatro questões respondidas apenas pelo segundo grupo. As porcentagens das duas primeiras questões foram calculadas com base nas respostas de todos os 89 alunos, pois trata-se de informações gerais. Nas outras perguntas – exceto as do item (c) – diferenciamos entre DLM e DLE, sendo que DLM se refere às respostas dos informantes que preencheram o questionário sobre o uso de dicionários de língua materna (respondendo, portanto, a dicionários de português), e DLE mostra os resultados do questionário sobre dicionários de língua estrangeira. Quando for necessário, distinguiremos ainda entre DLE-M (monolíngüe) e DLE-B (bilíngüe).

#### a) O uso do dicionário para consultas em LM ou em LE

LM	44%
LE	45%
LM e LE	7%
Sem resposta	5%

Os dois grupos responderam praticamente de maneira igual, com a proporção de quase metade (44%, 45%) para LM e LE. Assim, podemos supor que as porcentagens calculadas para cada um dos dois questionários, ou seja, para cada um dos dois grupos de informantes, sejam extensíveis ao total dos informantes.

#### b) Quem incentiva mais a usar o dicionário?

Professor de português	57%
Pais e avós	55%
Professor de LE fora da escola	26%
Professor de LE na escola	25%
Professor de outra matéria	9%

Os mais citados entre os professores de outras matérias foram os professores de História, Geografia e Ciências. O professor de Matemática não foi mencionado nenhuma vez, apesar de o *Microdicionário de Matemática* constar da lista de material obrigatório.

#### c) Informações sobre o estudo de LE fora da escola e preferência entre DLE-B e DLE-M

No questionário do segundo grupo (de 47 alunos), constavam quatro perguntas a respeito do estudo de LE fora da escola. O principal objetivo foi verificar se aqueles informantes que estivessem estudando em outras instituições utilizavam dicionários e se entre eles havia uma preferência por dicionários bilíngües ou monolíngües, já que na própria escola havia sido indicado somente um bilíngüe.

Os dados mostram que 41 alunos estudavam alguma LE fora da escola (inglês: 40, alemão: 3, francês: 3, espanhol: 1). Em relação à preferência por bilíngües ou monolíngües, eles responderam como segue:

DLE-B	55%
DLE-M	36%
Ambos	2%
Sem resposta	6%

O percentual relativamente alto de preferência pelo dicionário monolíngüe será discutido mais adiante, no item (e), junto com a questão sobre o local de consulta.

**d) Frequência de uso do DLM e do DLE**

Incluindo-se as respostas dadas na opção "outros", chegamos às seguintes porcentagens:

	DLM	DLE
Todos os dias	2%	13%
Várias vezes por semana	7%	2%
2 vezes por semana	2%	2%
1 vez por semana	38%	23%
2 vezes por mês	2%	2%
1 vez por mês	33%	30%
1 vez por bimestre	2%	0%
1 vez por trimestre	5%	11%
Nunca	0%	2%
Sem resposta clara	7%	15%

Sem dúvida, é difícil dizer com precisão quantas vezes se usa um dicionário sobretudo quando ele não é consultado frequentemente. Por esta razão, o maior de alunos que não responderam de forma clara foi relativamente alto, e por mesma razão, as informações devem ser vistas com reservas.

Admitindo que as respostas correspondam aproximadamente à realidade constata-se que o DLM é usado um pouco mais frequentemente do que o DLE (veja os números relativos a "uma vez por semana" e "uma vez por mês", bem mais alunos consultam o DLE diariamente).

**e) Local de consulta do dicionário**

	DLM	DLE-B	DLE-M
Em casa	100%	68%	60%
Na sala de aula	36%	23%	36%
Na biblioteca	7%	2%	4%

É interessante que, em casa, todos os 42 alunos do primeiro grupo usam dicionários de português. Isso mostra a importância dessas obras de consulta.

Quanto aos 47 informantes do outro grupo, o local privilegiado de consulta

também é a casa. Novamente chama a atenção o alto número de consultas ao DLE-M. Em sala de aula, esse tipo de dicionário era - segundo as respostas - o mesmo mais consultado do que o DLE-B. Essa constatação surpreendente nos levou a fazer verificações comparativas. Percebemos que, dos 28 alunos que consultavam preferencialmente o DLE-M, apenas 3 mencionaram - entre os dicionários que mais utilizam - possíveis dicionários monolíngües (o mais citado foi o *Oxford*, mas não foi especificado se o bilíngüe ou o monolíngüe<sup>3</sup>). A maioria citou dicionários bilíngües. Diante dessas respostas contraditórias, surge a dúvida se os alunos haviam realmente entendido o que significava DLE-M, comprometendo, consequentemente, os resultados obtidos relativos a este tipo de dicionário. Desta forma, os resultados do DLE-M foram considerados inconclusivos e não serão mais analisados daqui por diante.

**f) Tipos de dicionários mais utilizados**

Pelo fato de existirem dicionários eletrônicos, era interessante verificarmos em que medida o meio eletrônico já é aproveitado. Portanto, a palavra "tipos" refere-se aqui ao formato tradicional (livro) e a esse meio moderno.

	DLM	DLE
Livro	79%	81%
Eletrônico	7%	17%
Ambos	10%	2%
Sem resposta	5%	----

Como era de se esperar, os dicionários impressos ainda são, de longe, os mais utilizados, mas, contando-se também a resposta "ambos", 17% desses adolescentes já recorrem à versão eletrônica dos DLM, e 19%, dos DLE.

**g) Dicionários mais usados<sup>6</sup>**

Nessa questão, ocorreu mais uma imprecisão no grupo do DLE: primeiro, mais da metade dos informantes (57%) não respondeu; e, segundo, o DLE mais usado pelos respondentes foi o *Aurélio* - cuja versão bilíngüe não existe. Por-

<sup>3</sup> Uma vez que a maioria de pesquisas sem que os informantes tivessem seus dicionários presentes, os nomes destes citados foram aqueles que tinham à mente os alunos sem, portanto, podermos incluir nos dados referência detalhada sobre o dicionário, como editora, local de publicação, data, etc.

tanto, percebem-se novamente as dificuldades de boa parte dos adolescentes em responder com coerência em relação aos seus dicionários em LE. O DLE mais utilizado depois desse "falso" Aurélio foi o bilingüe indicado pela escola, *Silveira Bueno* (seis citações), e foram mencionados ainda o *Oxford* (quatro citações), o *Michaelis* e o *Password* (duas citações cada), o *Macmillan* e o *Petit Robert* (citados por um aluno cada), além dos eletrônicos do *Webster* e do *Michaelis* (um aluno cada). Em alguns casos, não ficou claro se esses dicionários eram monolíngües ou bilingües.

A situação é mais nítida no caso dos DLMs. Apenas um estudante não respondeu. Entre os DLMs impressos, aparece em primeiro lugar o *Silveira Bueno* (citado por 25 alunos, ou seja, 60% do grupo), o que era de se esperar por esse ser o recomendado pela escola. Logo em seguida, citado por 55% dos pesquisados (23 alunos), aparece o *Aurélio*, em terceiro, o *Houaiss* (somente 19%, ou 8 alunos). Houve ainda menções ao dicionário *Sacconi* (duas vezes) e ao *Michaelis* (uma vez). Entre os dicionários eletrônicos foram mencionados o *Aurélio* (duas vezes) e o *Ultralingua* (uma vez).

#### h) Finalidade da consulta

Saber para que os dicionários são usados, ou quais informações são mais procuradas, é uma das grandes preocupações dos dicionaristas modernos e dos metalexigógrafos. Na nossa pesquisa, chegamos aos seguintes resultados:

Informação procurada	DLM	DLE-B
Significado	100%	43%
Tradução (equivalente)	0%	66%
Ortografia	64%	57%
Dados sintáticos	14%	13%
Exemplos	10%	9%
Origem (etimologia)	10%	0%
Pronúncia	7%	6%
Sinônimos	2%	0%
Sem resposta	0%	19%

No caso do DLM, o motivo principal de busca é consultar o significado (100% dos alunos). Há também um grande número de alunos (64%) que utiliza o dicionário para o esclarecimento de dúvidas de ortografia.

Chamou a atenção nesses resultados o grande número de procuras para encontrar o significado no DLE-B. Provavelmente, os alunos que escolheram essa opção entendem que os equivalentes (ou traduções) indicam o significado. Mas, tendo em vista que a soma das escolhas de "significado" e "tradução" (isto é, 109%) ultrapassa os 100%, percebe-se que alguns informantes marcaram as duas opções, talvez porque procuram não somente o significado [querendo compreender a palavra estrangeira] como também uma boa tradução, quer na LE quer na LM.

Outras informações são buscadas bem menos, havendo praticamente coincidência entre o uso do DLM e do DLE-B no que concerne aos dados sintáticos, aos exemplos e à pronúncia.

Esses resultados mostram que os dicionários são utilizados tanto em atividades de recepção (para as quais servem informações sobre o significado e a tradução L2-L1, além de exemplos) como de produção (nas quais auxiliam a ortografia, a tradução L1-L2, exemplos e, na produção oral, a pronúncia).

#### i) Durante quais atividades ocorrem as consultas?

	DLM	DLE-B
Escrevendo	64%	53%
Lendo	62%	45%
Fazendo dever de casa	60%	34%
Na sala de aula	24%	13%

Como a escola permite e incentiva o uso de dicionários na sala de aula, foi incluída no questionário a opção "consulta em sala de aula". No entanto, é compreensível que a porcentagem apurada seja bem menor do que no caso das outras atividades, desenvolvidas presumivelmente em casa, pois na sala de aula não se costuma ter tempo suficiente para fazer todas as consultas desejáveis.<sup>7</sup>

Um outro resultado bem nítido é que, no ensino de língua portuguesa, as consultas são feitas praticamente na mesma quantidade nas atividades de escrever,

7 Quando incluímos a opção "na sala de aula", pensávamos em consultas durante as falas do professor ou de colegas ou durante exercícios escritos ou orais. É claro que as atividades tanto dessa opção quanto da última podem englobar a leitura e a redação.

ler e fazer dever de casa.<sup>8</sup> Isso confirma os dados sobre as finalidades de consulta, que mostraram – cf. o item anterior – que os dicionários são utilizados tanto em atividades de recepção como de produção.

Em LE, o DLE-B é consultado bem menos, e há maior diferença entre as diversas atividades, sendo que na produção escrita ocorre a maior aproximação à porcentagem do uso do DLM. Esse fato nos leva a fazer as seguintes observações: 1) na leitura, os estudantes talvez usem o contexto para descobrir o significado de palavras desconhecidas, ou simplesmente não se preocupem em saber o significado de todas as palavras; 2) na produção escrita, que é a atividade em que os informantes mais consultam o dicionário, o uso de DLE-B é problemático, pois, como se sabe, geralmente faltam muitas informações necessárias para a adequação da redação de frases e de textos.

#### j) O que os alunos preferem fazer quando surgem dúvidas

	LM	LE
Perguntar ao professor	45%	64%
Perguntar aos pais	43%	29%
Procurar no dicionário	40%	57%
Perguntar a colegas	31%	43%
Adivinhar pelo contexto	26%	36%
Nada, pois ignorar não altera compreensão	5%	0%
Outras soluções	2%	10%

Em LM, as três primeiras soluções estão divididas de forma quase igual, estando a consulta ao dicionário apenas em terceiro lugar.

No caso da LE, notam-se algumas diferenças interessantes. Recorre-se muito mais ao professor – que é algo como um “dicionário humano” –, e bastante ao próprio dicionário, mas bem menos aos pais. Isso se explica provavelmente pelo fato de que nem todos os pais sabem inglês o suficiente para dirimir as dúvidas. Os informantes confiam até mais nos colegas.

Quanto à solução “adivinhar pelo contexto”, ela é mais aproveitada em LE do que em LM. Talvez isso se deva à recomendação dos professores de LE de usar tal estratégia. Entre as “outras soluções” em LE, a maioria delas referiam-se à busca na internet.

<sup>8</sup> Como foi esclarecido na nota anterior, “fazer dever” abrange vários tipos de atividades.

#### k) O dicionário resolve as dúvidas?

	DLM	DLE-B
Sempre	36%	38%
Às vezes	62%	40%
Quase nunca	0%	0%
Nunca	0%	0%
Sem resposta	2%	21%

Por um lado, é claro que os usuários não fazem estatísticas sobre a sua utilização dos dicionários, de modo que os dados são impressionísticos, não tendo valor objetivo; por outro lado, faltou provavelmente no questionário a resposta “muitas vezes”. É uma pena que tantos informantes do grupo do DLE-B não tenham respondido.

De qualquer modo, para os defensores do uso de dicionários é animador o fato de que mais de um terço dos informantes – dos dois grupos – tenham a impressão de sempre ter encontrado a solução procurada. No caso ideal, 100% diriam isso, mas sabemos tanto das falhas existentes nos dicionários quanto das dificuldades em encontrar a informação necessária.

A resposta “às vezes” é bastante vaga. Se, entre os alunos que escolheram essa opção, houver muitos que queriam dizer “poucas vezes”, os resultados seriam bastante desfavoráveis aos dicionários e seus defensores. Infelizmente, o questionário não permite que se façam afirmações mais claras. Por outro lado, o fato de que ninguém achou que o dicionário “nunca” ou “quase nunca” resolve as dúvidas já é um sinal positivo.

#### l) Costuma-se consultar mais de um dicionário?

Dos 47 informantes do grupo do DLE, apenas 11% responderam que costumam consultar mais de um dicionário; as principais razões foram que “um só não resolve” e que os alunos queriam mais informações.

No grupo do DLM, a porcentagem daqueles que responderam positivamente foi bem maior: 43%. A grande maioria deles – 83% – deu respostas que podemos juntar na formulação “um só não resolve”. Apenas 11% consultam mais de um dicionário para “acrescentar informações”, e 6%, para verificar outros significados ou exemplos.

Aqueles que responderam que costumam procurar em um único dicionário escolheram como principal razão a opção “um resolve” (DLM: 58%, DLE: 55%). Outras escolhas bem menos frequentes – entre 8% e 3% – foram: “só tenho um”,

"todos são iguais", "tenho preguiça" ou "não gosto", "é mais fácil perguntar", "procuro em outra fonte", "resolvo no contexto", "mais de um confunde". No caso dos DLEs, a resposta "todos são iguais" foi um pouco maior: 13%. Também 13% do grupo do DLM, e 10% do DLE, não especificaram os motivos.

### m) Leitura dos exemplos

No item [h], vimos que os exemplos são pouco procurados. Mesmo assim, 65% dos alunos do grupo do DLM e 60% do DLE responderam positivamente à pergunta "você lê os exemplos?" Poderíamos interpretar esses dados da seguinte maneira: em boa parte, os alunos não consultam os dicionários em busca de exemplos (cf. o item [h]), mas, quando procuram alguma informação, também lêem os exemplos. Entretanto, no caso do DLE, essa interpretação não é aceitável, pois sabemos que a maioria dos informantes consulta dicionários bilíngües (cf. item [c]), e os dicionários bilíngües usados, via de regra, nem oferecem exemplos dos informantes. Isso mostra mais uma vez que não podemos confiar totalmente nas respostas dos informantes. Talvez eles tenham sido movidos pela expectativa ou o desejo de encontrar exemplos nos seus dicionários.

Havia ainda a pergunta: "Os exemplos ajudam?". Aqueles que disseram que lêem os exemplos responderam como segue:

	DLM	DLE
Sim	37%	43%
Às vezes	63%	54%
Não	0%	4%

Novamente, não podemos confiar nas respostas do grupo do DLE, pois exemplos que não existem não podem ajudar. Por extensão, devemos até mesmo duvidar das respostas dos informantes do outro grupo; mas pelo menos parece que os exemplos são considerados bastante úteis.

### n) Dificuldades de consulta

A última pergunta do questionário, totalmente aberta, permitiu a cada aluno descrever suas dificuldades quando consultava um dicionário. Surpreendentemente, dois terços dos informantes – nos dois grupos (67% em LM e 66% em LE) – disseram que não tinham nenhuma dificuldade. 5% e 9%, respectivamente, não responderam a questão. Quanto aos sujeitos que reconheceram que sentiam dificuldades, podemos dividir suas observações em duas categorias: uma envolve habilidades pessoais, a outra diz respeito à organização do dicionário.

	DLM	DLE
Nenhuma	67%	66%
Falta de habilidade	12%	9%
Organização do dicionário	17%	17%
Sem resposta	5%	9%

Entre as dificuldades causadas por falta de habilidade pessoal foram citadas: "me perco na ordem alfabética", "demoro muito", "não acho a informação". Nas dificuldades relativas à organização do dicionário constaram respostas que podemos formular assim: "como procurar no dicionário se não sei a ortografia?"; "os dicionários trazem às vezes 'círculos viciosos', por exemplo, quando o significado apresentado vem com 'ato de ...'; "por onde procurar quando a palavra faz parte de uma expressão?" (esta dúvida foi apenas mencionada pelo grupo do DLE); "no caso de palavras polissêmicas, qual acepção encaixar no contexto?"; "as definições às vezes são mais difíceis do que a palavra consultada pois apresentam palavras desconhecidas".

Apesar de possíveis dúvidas quanto à veracidade das respostas, é interessante observar que as dificuldades em LM eram mais ou menos as mesmas apresentadas em LE e apresentaram-se praticamente na mesma proporção, da mesma forma que as alegações de que não havia dificuldades.

### 3. Observações finais

Como já dissemos, uma pesquisa com questionário, e sobretudo com alunos adolescentes, não pode produzir resultados totalmente seguros. Vimos, por exemplo, as contradições na questão dos DLEs monolíngües. E de se perguntar também por que obtivemos mais respostas no grupo do DLM, principalmente na pergunta sobre os dicionários mais usados – cf. item [g] – onde 57% do grupo de DLE não responderam, e onde se citou como o mais usado um dicionário inexistente.

Entre os resultados – baseados nas respostas dos informantes – podemos destacar:

- O DLM é usado mais freqüentemente do que o DLE; porém, mais alunos consultam esse último diariamente – item [d].
- O uso do DLM é incentivado, pelos professores e pelos pais e avós, muito mais do que o do DLE – item [b].
- Os dicionários são utilizados bem mais em casa do que na sala de aula – item [e].
- Entre os dicionários de LE, os bilíngües são preferidos – item [c].

- A grande maioria dos dicionários consultados tem o formato tradicional de livro, mas já cerca de 18% dos alunos recorrem a dicionários eletrônicos – item [f].

- A informação mais procurada no DLM é o significado, com a ortografia em segundo lugar. Isso mostra que o dicionário é consultado principalmente na recepção de textos, mas também na produção (na qual se precisa da ortografia). Observação parecida vale para o DLE (pois o significado fornecido em LE e/ou sua tradução para a LM servem na compreensão de textos, ao passo que o equivalente na LE e a ortografia são importantes na produção). Outras informações que ajudam na produção (dados sintáticos, exemplos) são buscadas bem menos. Cf. itens [h] e [i].

- Precisando de um auxílio em questões de vocabulário, a maioria dos informantes prefere perguntar ao professor. Em LE, o dicionário como recurso aparece em segundo lugar; e em LM, em terceiro, após os pais. Cf. item [j].

- Mais de um terço dos alunos dos dois grupos afirmam que os dicionários resolvem as dúvidas sempre, e ninguém tem a impressão que os dicionários nunca ou quase nunca resolvem. – item [k].

- 43% em LM, mas apenas 11% em LE dizem que costumam consultar mais de um dicionário – item [l].

- Dois terços alegam não sentir dificuldades nas consultas – item [n].

Esses resultados não são generalizáveis. São dados que dizem respeito apenas aos dois grupos de informantes. Mesmo assim, trazem novas informações sobre o uso de dicionários.

É desejável que se façam mais investigações, com outros informantes e em outras situações de uso, tanto utilizando o método do questionário quanto a observação ou testes, a fim de conseguir-se saber mais sobre todas as questões relativas ao uso de dicionários. Por exemplo, no caso dos dicionários bilíngües, precisa-se de dados sobre o seu aproveitamento na recepção e na produção de textos.

O dicionário é uma ferramenta imprescindível na aprendizagem de línguas. Obviamente, isso não quer dizer que deva ser consultado a toda hora, indiscriminadamente. Como já afirmaram diversos autores (cf. BÉJOINT, 1989; WELKER, 2006, p. 424s.), é necessário ensinar-se como consultá-lo. O que Höfling et al. (2004, p. 7) dizem sobre o dicionário bilíngüe vale para os dicionários em geral:

O proveito desse material será muito maior se o aluno receber orientação sobre qual dicionário adquirir e como utilizá-lo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Karine V. *O dicionário: do livro didático à sala de aula*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- BARNHART, C. L. Problems in editing commercial monolingual dictionaries. In: Householder, F. W.; Saporta, S. (ed.). *Problems in lexicography*. Bloomington: Indiana University Research Center for Language and Semiotic Studies, 1962. p. 161-181.
- BÉJOINT, Henri. The teaching of dictionary use: present state and future tasks. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.). *Wörterbücher: ein Internationales Handbuch zur Lexikographie. – Dictionaries: an International Handbook on Lexicography*. Vol. 1. Berlin / Nova York: de Gruyter, 1989. p. 208-215.
- BRITO, Eliane V. *Leitura de textos didáticos: uma abordagem pragmática. The Especialist*, v. 13, n.1, p. 93-102, 1992.
- GOMES, Denise F. *O uso do dicionário bilíngüe na produção escrita em alemão como língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- HATHERALL, Glyn. Studying dictionary use: some findings and proposals. In: Hartmann, R. R. K. (ed.). *LEXeter '83 Proceedings*. Tübingen: Niemeyer, 1984. p. 183-189.
- HÖFLING, Camila. *Traçando um perfil de usuários de dicionários – estudantes de Letras com Habilitação em Língua Inglesa: um novo olhar sobre dicionários para aprendizes e a formação de um usuário autônomo*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2006.
- \_\_\_\_\_, SILVA, Maria C. P.; TOSQUI, Patrícia. O dicionário como material didático na aula. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 13, 2004. Disponível em: <http://lael.pucsp.br/intercambio/13/Camila\_Hofling.pdf>. Acesso em: 07/01/2006.
- HULSTIJN, Jan H.; ATKINS, B. T. S. Empirical research on dictionary use in foreign-language learning: survey and discussion. In: Atkins, B. T. S. (ed.), *Using dictionaries: studies of dictionary use by language learners and translators*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 7-19.
- HUMBLÉ, Philippe. *Dictionaries and language learners*. Frankfurt am Main: Haag und Herchen, 2001.
- KNIGHT, Susan. Dictionary use while reading: the effects on comprehension and vocabulary acquisition for students of different verbal abilities. *The Modern Language Journal*, v. 78, n.3, p. 283-299, 1994.

MACHADO, Beatriz S. O uso do dicionário e as atividades de pré-leitura: prática e análise exploratórias em sala de aula de língua estrangeira. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003.

NESI, Hilary. *The use and abuse of EFL dictionaries*. Tübingen: Niemeyer, 2000.

SUMMERS, Donna. The role of dictionaries in language learning. In: Carter, R.; McCarthy, M. (ed.), *Vocabulary and language teaching*. London: Longman, 1988. p.111-125.

TEIXEIRA, Priscilla G. I. E. O uso do dicionário bilingüe português/espanhol no ensino fundamental do Colégio Dom Jaime Câmara. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

WELKER, Herbert A. O uso de dicionários: panorama geral das pesquisas empíricas. Brasília: Thesaurus, 2006a.

\_\_\_\_\_. Pesquisando o uso de dicionários. *Linguagem e Ensino*, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 223-243, 2006b.

\_\_\_\_\_. Pesquisas sobre o uso de dicionários para aprendizes. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 18, p. 175-194, 2006c.

ZÖFGEN, Ekkehard. Bilingual learner's dictionaries. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.), *Wörterbücher: ein Internationales Handbuch zur Lexikographie*. – *Dictionaries: an International Handbook on Lexicography*. Vol. 3. Berlin / Nova York: de Gruyter, 1991. p. 2888-2903.

## A UTILIZAÇÃO DO DICIONÁRIO POR ALUNOS DE UM CURSO DE TRADUÇÃO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE ALUNOS INICIANTE E AVANÇADOS

HELEN ILZA BORGES DE OLIVEIRA\*  
helen\_gna@yahoo.ca

HERBERT ANDREAS WELKER\*\*  
hawelker@yahoo.com

\* Mestranda no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada Universidade de Brasília

\*\* Professor Adjunto Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada Universidade de Brasília